

# JAMES PATTERSON

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

# CORRA, ALEX CROSS

*O detetive Alex Cross está atrás  
de três assassinos em série,  
mas não sabe que tem  
alguém atrás dele.*





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PRÓLOGO

**MORRA JOVEM E SEJA UM  
CADÁVER ATRAENTE**

**NÃO É TODO DIA QUE** eu bato à porta e uma garota nua vem me atender.

Não me entenda mal. Com vinte anos de experiência como policial, isso já aconteceu. Só que não foi com muita frequência.

– Vocês são do serviço de quarto? – perguntou a garota.

Embora houvesse um brilho em seus olhos, eles eram vazios. Ecstasy. Além disso, dava pra sentir o cheiro de maconha lá dentro. E a música... um *techno* que me fazia cortar os pulsos se tivesse que ouvir por muito tempo.

– Não, não somos do serviço de quarto – respondi, mostrando o distintivo. – Polícia Metropolitana. Sugiro que vista uma roupa.

Ela não ficou constrangida.

– Eu pedi um sanduíche – disse para ninguém em particular.

Isso me deixou triste e enjoado. A garota não parecia nem ter saído do ensino médio e os homens que viemos prender tinham idade suficiente para serem pais dela.

– Reviste as roupas antes de ela se vestir – falei para uma das policiais na equipe de reconhecimento.

Além de mim, eram cinco policiais, um assistente social e três oficiais do Segundo Distrito, incluindo o meu amigo, John Sampson.

O Segundo Distrito ficava em Georgetown, um lugar não muito convencional para uma Unidade de Prostituição. O local aonde havíamos chegado era comum na vizinhança, um edifício residencial de tijolos brancos na Rua N que valia facilmente mais de 5 milhões. Era uma propriedade alugada pelo Dr. Elijah Creem, um dos cirurgiões plásticos mais requisitados da capital. Pelo que conseguimos descobrir, Creem entrava com os recursos e pagava essas “festas do setor” enquanto seu parceiro, Josh Bergman, conseguia as garotas.

Bergman era o proprietário da Cap City Dolls, uma agência de modelos associada ao submundo do tráfico. Com uma das mãos, Bergman dirigia uma agência legítima. Com a outra, arrumava dançarinas exóticas, acompanhantes noturnas, massagistas e “artistas” pornôs. Nesse momento, a casa estava cheia de “artistas” e todas pareciam ter mais ou menos uns 18 anos.

Ênfase no *menos*.

Eu mal podia esperar para acabar com esses dois indivíduos desprezíveis.

A vigilância localizara Creem e Bergman no centro da cidade por volta das sete horas da noite e, depois, aqui na festinha às nove e meia. Agora era a hora de caírem as máscaras.

Para além do saguão fechado, a festa seguia a toda. O salão principal estava lotado. A mobília em estilo Queen Anne contrastava com as jovens garotas seminuas, agitadas, dançando ao ritmo da música e bebendo em copos descartáveis.

– Quero todo mundo no cômodo principal! – gritou Sampson para um dos policiais. – Vasculhem tudo! Estamos procurando drogas, dinheiro, livros-caixa, agendas, celulares, tudo! E desliguem essa maldita música!

Deixamos metade da equipe de guarda na frente da casa e levamos o restante para os fundos, onde a festa continuava.

Na cozinha aberta, rolava um grande jogo de strip pôquer na bancada com tampo de mármore. Meia dúzia de caras musculosos e o dobro de garotas de calcinha e sutiã estavam de pé segurando cartas, bebendo e passando baseados de mão em mão.

Alguns saíram com pressa quando entramos. Umhas poucas garotas gritaram e tentaram fugir, mas já tínhamos bloqueado o caminho.

Finalmente, alguém desligou a música.

– Onde estão Elijah Creem e Joshua Bergman? – perguntou Sampson. – A primeira pessoa que responder corretamente ganha passe livre para fora daqui.

Uma garota magrinha, vestindo um sutiã de renda preta e shortinho, apontou na direção da escada. Pelo tamanho do peito em relação ao restante de seu corpo, ela já devia ter passado pela faca com o Dr. Creem ao menos uma vez.

– Lá em cima – respondeu ela.

– Vaca – murmurou alguém em voz baixa.

Sampson fez um gesto com o dedo para que eu o seguisse e nós começamos a subir.

– Posso ir agora? – gritou a garota de shortinho atrás de nós.

– Vamos ver se você está falando a verdade, primeiro – disse Sampson.

O salão do segundo andar estava vazio. A única iluminação vinha de um abajur sobre uma mesa antiga envernizada. Havia retratos de cavalos nas

paredes e um corredor comprido que terminava em frente a portas duplas fechadas nos fundos da casa. De onde estava, eu conseguia ouvir música do outro lado. Uma das antigas. Talking Heads, “Burning Down the House”.

Eu também podia ouvir risos e duas vozes masculinas diferentes.

– Isso, querida. Um pouco mais perto. Agora tire a calcinha dela.

Sampson me olhou como se quisesse vomitar ou matar alguém.

– Vamos lá – disse ele e caminhamos pelo corredor.

## 2

### – POLÍCIA! VAMOS ENTRAR!

A voz de Sampson ecoou em todo o lugar. Ele esmurrou a porta de mogno, sua sutil versão de bater à porta, depois a abriu com força.

Elijah Creem estava de pé, idêntico às fotografias que eu tinha visto dele: cabelos louros penteados para trás, queixo quadrado dividido, sorriso perfeito. Bergman e ele estavam completamente vestidos. As outras três pessoas... nem tanto. Bergman erguia um iPhone à sua frente e filmava o ménage à trois esquisito que rolava na cama king size.

Uma das garotas estava deitada de costas, com o sutiã aberto na frente e a calcinha fio dental abaixada até os tornozelos. Ela usava uma máscara respiratória transparente, acoplada a um tanque metálico cinza e comprido que ficava próximo à lateral da cama. O rapaz em cima dela estava nu, a não ser por uma venda preta, enquanto a outra garota estava de pé acima dele com uma pequena câmera digital, filmando de outro ângulo.

– Que merda é essa? – gritou Creem.

– Tirou as palavras da minha boca – respondi. – Ninguém se mexe.

Todos eles estavam de olhos arregalados pelo susto, menos a garota com a máscara. Ela parecia totalmente ausente.

– O que há no tanque? – perguntei, enquanto Sampson caminhava até a garota.

– Óxido nitroso – disse Creem. – Ela está bem.

– Vá se foder – retrucou John e retirou a máscara dela.

O efeito do gás durou muito pouco, mas tinha certeza que não fora a única coisa que os três tinham consumido. Viam-se vários comprimidos azuis do que imaginei que fosse metanfetamina. Além disso, havia também

algumas garrafas pequenas de vidro marrom, provavelmente nitrito de amila, e um resto de tequila Cuervo Reserva.

– Preste atenção, policial – disse Creem tranquilamente, olhando nos meus olhos. De acordo com as minhas informações, ele era o maior responsável pelo que estava acontecendo. – Sabe aquela valise ali no canto?

– Elijah? O que está fazendo? – perguntou Bergman.

Mas Creem não respondeu. Ele ainda me observava como se fôssemos só nós dois ali.

– Ela contém um envelope com 30 mil dólares – informou e olhou para uma das três janelas no fundo do quarto. As cortinas de franjas estavam puxadas, mas não restava dúvida do que ele queria fazer. – Quanto tempo você acha que 30 mil dólares valem?

Ele estava surpreendentemente tranquilo com toda aquela história.

E arrogante. Acho que esperava que eu aceitasse.

– Você não parece o tipo que sai pela janela, Creem – falei.

– Normalmente, não – retrucou ele. – Mas se você sabe quem eu sou, então entende que há muito em jogo aqui: família, carreira...

– Seis milhões e meio de lucro apenas no ano passado – observei. – De acordo com os seus registros.

– E há minha reputação, claro, que é inestimável nesta cidade. Então, o que me diz, detetive? Temos um acordo?

Dava para perceber que ele era um homem acostumado a conseguir o que queria. Por outro lado, eu não era uma garota de 17 anos.

– Eu vou ter que concordar com o meu parceiro – respondi a ele. – O que foi mesmo que você disse, John?

– “Vá se foder” – disse Sampson. – Quantos anos esses garotos têm, Creem?

Pela primeira vez, o ar de superioridade do médico pareceu sofrer um golpe. O sorriso ridículo desapareceu e os olhos começaram a se mover rápido.

– Por favor – disse ele. – Tenho mais dinheiro, se quiser. Muito mais. Tenho certeza de que podemos dar um jeito.

Eu já estava de saco cheio.

– Você tem o direito de permanecer calado...

– Não quero implorar.

– Então, não implore – falei. – Qualquer coisa que disser poderá ser usada contra você...

– Compreende o que está prestes a fazer? Você vai acabar comigo! Você entende isso?

– Não, Dr. Creem – respondi quando o algemei. – Foi o senhor quem fez isso a si mesmo.

### 3

**DOIS MESES DEPOIS DO INFELIZ** escândalo, Dr. Creem estava pronto para algumas mudanças. Era impressionante o que um pouco de tempo, um bom advogado e muito dinheiro podiam fazer.

Claro, ele ainda não estava em liberdade e o dinheiro não ia durar para sempre. Ainda mais se Miranda, sua esposa, abrisse a boca. Por intermédio do advogado, ela era a única que conversava com Creem. Já das filhas, Chloe e Justine, ele não podia nem mencionar os nomes. A futura ex-Sra. Creem as mandara para a casa de parentes em Newport. Segundo o advogado, elas iam terminar o ano letivo por lá. Todas as três belezas louras – Miranda, Justine e Chloe – tinham rapidamente virado as costas para ele, com tanta facilidade quanto fechavam uma porta.

Quanto à prática médica, não havia mais nem uma consulta, muito menos um agendamento, desde que a imprensa publicara que o Dr. Creem trocara procedimentos cirúrgicos por sexo com mais de uma das menores de idade de Bergman. Isto e a pequena coleção de vídeos que Creem acumulara no computador eram excelentes evidências para uma prisão.

Mas Elijah Creem não tinha intenção de deixar que isso acontecesse. Como as pessoas diziam? “Hoje é o primeiro dia do resto de nossas vidas”?

Sim, de fato. E ele ia fazer disso algo importante.

– Não posso ser preso, Elijah – disse Joshua ao telefone para ele. – E não estou dizendo que não *quero*. Quer dizer, não *posso*. Eu não vou sobreviver lá dentro.

– Melhor você do que eu, Joshua. Pelo menos você gosta de pau, não?

– Estou falando sério, Elijah.

– Estou brincando, Josh. E, pode acreditar, meu desejo não é diferente do seu. Por isso, não vamos deixar as coisas chegarem a esse ponto.

– Onde você está? – perguntou Bergman. – Você está falando diferente.

– É a máscara – respondeu Creem.

– Máscara?

– Sim. É isso que estou tentando contar. Houve uma mudança de planos.

A máscara era um engenhoso pedaço de látex, moldado a partir das formas humanas. Coisa nova. Creem andava fazendo experimentos com ela desde que o escândalo começara. Agora ele passava por uma vitrine de loja e mal reconhecia o próprio reflexo. Tudo o que via era um homem velho e feio de pele amarelada, bochechas encovadas e um ridículo resto de cabelo grisalho no couro cabeludo manchado. Na verdade, era espetacular. Até poético. O velho no reflexo parecia tão acabado quanto o Dr. Creem se sentia nos últimos tempos.

Óculos de aros escuros disfarçavam as aberturas ao redor dos olhos. E embora os lábios fossem apertados e desconfortáveis, também se ajustavam o suficiente para que ele pudesse falar e beber usando a máscara.

– Não queria que você soubesse até ter certeza de que isso funcionaria – disse Creem a Bergman –, mas tenho uma surpresa para você.

– Como assim? Que tipo de surpresa? – perguntou Bergman.

– Joshua, você se lembra de Fort Lauderdale?

Fez-se uma pausa do outro lado da linha antes que ele respondesse.

– Claro – falou em voz baixa.

– Férias de primavera, 1988.

– Eu me lembro – interrompeu Bergman, mas então voltou a se acalmar.

– Éramos quase crianças na época.

– Sei que já faz algum tempo – continuou Creem. – Mas pensei um bocado e não estou disposto a cair sem lutar. E você?

– Por Deus... Foi você quem...? Mas você disse...

– Eu sei o que disse. Aquilo foi há muito tempo. Isto é agora.

Creem ouviu o amigo respirar fundo e lentamente.

– Jesus Cristo, Elijah – falou. – *Sério?*

Ele parecia apavorado, mas, além disso, agitado. Apesar da covardia, Bergman sempre ficava mais agitado com os assassinatos que Creem.

Para Creem, eles haviam sido tão catárticos quanto todo o restante. Um meio para um fim. E desta vez ele tinha um objetivo completamente novo.

– Então... vai acontecer mesmo? – disse Bergman.

– Para mim, vai – respondeu Creem.

– Quando?

- Neste minuto. Enquanto conversamos estou esperando por ela.
- E eu posso ouvir?
- Claro - retrucou Creem. - Por que acha que eu liguei? Mas não fale mais. Ela está aqui agora.

## 4

**C**REEM SE POSICIONOU DO OUTRO lado da rua, em frente ao estúdio de ioga, quando a aula terminou. Entre as primeiras pessoas a saírem na direção da Potomac Street estava Darcy Vickers, uma loura alta e de corpo perfeito.

Ele não podia levar crédito pela altura nem pelos cabelos louros, mas quanto ao corpo perfeito, isso era graças a ele. O busto amplo de Darcy, o arco perfeitamente simétrico das sobrancelhas e dos lábios e as coxas estreitas representavam um pouco da melhor obra do Dr. Creem. Ela era um exemplo típico de suas clientes: uma lobista da Rua K com a necessidade desesperada de continuar bonita pelo máximo de tempo que pudesse.

Tão familiar.

Ele esperou do lado de fora da Dean & Deluca, enquanto ela corria para comer alguma coisa. Observou-a entrar na fila do mercado, falando no celular. Então, atravessou a rua para segui-la pelo beco com calçamento de pedra até a garagem onde o BMW de Darcy estava estacionado.

Não era preciso manter muita distância. Ele era apenas um velhote com um casaco e sapatos ortopédicos, invisível para as Darcys do mundo. Quando chegaram ao terceiro andar da garagem deserta, ele havia diminuído a distância entre eles para menos de 6 metros.

Darcy apertou um botão do pequeno controle remoto em sua mão e o porta-malas do BMW abriu com um clique baixinho. Foi então que ele agiu.

- Com licença... Miranda? - perguntou um pouco tímido.
- Desculpe, pessoa errada - respondeu Darcy, guardando a sacola do mercado e o tapete lilás de ioga na parte de trás do carro sem nem ao menos lhe lançar um olhar.
- Engraçado, você se parece muito com ela.

A mulher não respondeu e ele cruzou a linha invisível do espaço pessoal entre eles.

– Quase exatamente como ela, na verdade.

Quando ela se virou, o aborrecimento em seu rosto era evidente, mesmo com todo o botox.

– Senhor – disse ela –, não quero parecer rude...

– Você nunca quer, Miranda.

Ela ergueu uma das mãos para afastá-lo, mas o Dr. Creem era mais forte que o velho que aparentava ser. Mais forte que Darcy Vickers também. A mão esquerda dele cobriu a boca de Darcy quando ela tentou gritar.

– Sou eu, querida – murmurou ele. – Seu marido. E não se preocupe. Perdoei tudo.

Ele fez uma pausa, apenas o suficiente para ver a surpresa em seus olhos, antes de enfiar a faca bem fundo no abdômen dela. Um bisturi teria sido bom, mas era melhor ficar longe dos instrumentos da própria profissão por enquanto.

Todo o ar pareceu deixar os pulmões de Darcy Vickers com uma lufada, enquanto ela caía para a frente, dobrando-se no meio. Deu um pouco de trabalho retirar a faca, mas ela finalmente saiu.

Com um movimento rápido, Creem chutou os tornozelos dela e a ergueu até o porta-malas. Ela nem lutou. Ouviram-se alguns poucos sons de gorgolejos, seguidos pela obstrução da glote.

Ele se inclinou para mais perto, para ter certeza de que tudo ia chegar aos ouvidos de Bergman ao telefone. Então ele a esfaqueou novamente, desta vez no peito. E outra vez, mais embaixo, abrindo a artéria femoral com um movimento rápido, para que não houvesse chance de recuperação.

Agindo rapidamente, ele pegou um punhado dos longos cabelos louros na mão e cortou com a beirada serrilhada da faca. Depois, cortou outro e mais outro, até o couro cabeludo ficar visível. Guardou apenas um punhado para si mesmo, enfiou no saco Ziploc e deixou o restante caído em tufo ao redor do corpo.

Ela morreu de modo tão feio quanto vivera.

Quando acabou, Creem se sentia melhor. Fechou o porta-malas e pegou a escada mais próxima na direção da Rua M. Não falou até sair da garagem e chegar à calçada.

– Joshua? – chamou. – Ainda esta aí?

Bergman levou alguns segundos para responder.

– Estou... aqui – disse.

Sua respiração estava entrecortada, a voz era pouco mais que um susurro.

– Você está...? – Creem sorriu, embora sentisse um pouco de nojo. – Joshua, você está se masturbando?

– Não – disse o amigo, rápido demais. – Já acabou?

– Serviço feito – disse Creem. – E você sabe o que isso significa.

– Sim – disse Bergman.

– Sua vez, velho amigo. Mal posso esperar para descobrir o que está preparando.

PARTE UM

# GANHAR OU PERDER

## capítulo 1

NA ESCURIDÃO QUE PRECEDIA O amanhecer do dia 6 de abril, Ron Guidice estava atrás do volante, vigiando a casa do outro lado da rua. A casa de Alex Cross não tinha nada de especial. Era um lugar simples e de três andares na Rua 5, no sudeste do distrito de Columbia. As janelas precisavam de uma demão de tinta e, na varanda da frente, via-se uma minúscula horta.

Cross morava com a avó, a esposa e dois dos três filhos: Janelle e Alex Júnior, mais conhecido como Ali. O mais velho dos filhos de Cross, Damon, estava em casa para as férias de primavera, mas passava a maior parte do tempo no internato. Também havia uma criança nova: Ava Williams. A família devia estar na “fila” de adoção. Guidice ainda tinha que investigar algumas coisas. Ele gostava de saber o máximo possível sobre quem perseguia.

Havia uma dezena de policiais da Metropolitana na lista e ele mantinha vigilância sobre todos eles, mas Alex Cross era especial. Era quem Guidice queria matar.

Mas não ainda.

Era fácil matar um homem. Qualquer imbecil com uma arma podia meter uma bala na cabeça de alguém. Mas *conhecer* verdadeiramente um homem, descobrir seus pontos fracos, entender suas fraquezas e tirar sua vida bem devagar? Isso era profissionalismo.

Enquanto isso, soubesse Cross ou não, ele tinha um grande dia pela frente. Guidice observava as janelas, esperando que acendessem alguma luz. Não era rigorosamente necessário perder tanto tempo com uma pessoa, mas ele gostava disso. Gostava da tranquilidade das primeiras horas matinais, mesmo se isso significasse apenas sentar e absorver detalhes que pareciam sem importância: o pedaço de concreto que faltava na escada, a lâmpada ecológica que iluminava a varanda... Tudo era parte de um quadro maior e nunca se sabia quais daquelas peças minúsculas poderiam ser relevantes no fim. Ele passava horas rabiscando observações em um caderno com espiral.

Então, pouco depois das cinco da manhã, houve um repentino movimento no banco de trás.

– Papai? É hora de acordar?

– Não, querida – disse ele. Mantinha o queixo abaixado e os olhos na casa. – Pode voltar a dormir.

Emma Lee estava aninhada em um saco de dormir do exército com sua boneca Barbie favorita. A fronha era estampada com os personagens de *Cinderela*. Ela a escolhera por causa do desenho do Jaque, o pequeno ratiinho ajudante, que ela adorava por alguma razão.

– Canta alguma coisa pra mim? – pediu ela.

Guidice sorriu.

– O cravo brigou com a rosa – cantou ele baixinho. – Debaixo de uma sacada...

Acenderam a luz na frente da casa de Alex. Através do vidro da porta, ele podia ver o vulto alto e escuro do homem que descia a escada.

Guidice continuou a observar enquanto cantava.

– O cravo saiu ferido. E a rosa, despedaçada.

– Despedaçada? – interrompeu Emma Lee.

Ela sempre fazia a mesma pergunta.

Ele olhou para trás, por cima do ombro, para os olhos sonolentos da filha e se perguntou se era possível amá-la mais. Provavelmente, não.

– Volte a dormir, minha querida. Quando acordar, estaremos em casa.

## capítulo 2

**A**TENDI A PRIMEIRA CHAMADA NO centro de operações por volta de duas da tarde.

Uma mulher tinha sido encontrada morta no porta-malas do próprio carro, em uma garagem de Georgetown, algo incomum para aquela área. Por isso, fiquei mais alerta que o normal. Peguei o elevador para a garagem do Daly Building e comecei o expediente com um café extragrande na mão.

Ia ser um longo dia.

Não me entendam mal. Eu realmente gosto do que faço. Gosto de dar voz às pessoas que não podem mais falar por si mesmas, aquelas cujas vozes foram roubadas. No entanto, em minha linha de trabalho, isso costuma levar a algum tipo de violência.

O policial relatou que o funcionário da garagem tinha encontrado o que parecia ser uma poça de sangue seco debaixo da BMW que pertencia a

Darcy Vickers. Quando os guardas chegaram, forçaram o porta-malas e confirmaram suas suspeitas. A Sra. Vickers já não tinha pulso e estava morta havia algum tempo. Agora estavam esperando que alguém da Homicídios chegasse e a levasse dali.

É onde eu entro. Ou, pelo menos, era o que eu pensava.

Era um belo dia de primavera. A melhor época do ano em Columbia. O Festival Nacional das Cerejeiras estava acontecendo, e a primeira onda de calor do verão ainda não havia chegado, nem os turistas. Minhas janelas estavam fechadas e *Q: Soul Bossa Nostra*, do Quincy Jones, tocava alto o suficiente, quase abafando o toque do meu celular. Era Marti Huizenga, minha sargento na Divisão de Casos Especiais. Eu abaixei o volume do CD player e atendi a ligação antes que entrasse no correio de voz.

– Dr. C – disse ela. – Onde o senhor está?

– Quase na Rua 27 – respondi. – Por quê?

– Ótimo. Vire à direita na New Hampshire. Outro corpo acaba de aparecer e parece bem feio.

– E aí você se lembrou de mim?

– Naturalmente. Preciso de alguém lá neste minuto. A cena não está nada boa, Alex. Há uma garota enforcada na janela do sexto andar. É possível que ela tenha se suicidado, mas não tenho certeza.

– Você quer que eu fique com este em vez do de Georgetown?

– Não. Quero você nos dois – disse Huizenga. – Pelo menos, por enquanto. Preciso de alguém em ambas as cenas, o mais rápido possível. E *então* quero que você me diga que tudo isso é só uma *feliz* coincidência, ok?

Às vezes o senso de humor de Huizenga era tão sombrio quanto o meu. Eu gostava de trabalhar com ela. E nós sabíamos que a diferença entre dois corpos *sem ligação* e dois *com ligação* era a mesma entre não dormir muito nas próximas 48 horas e não dormir nada.

– Deixe comigo.

– Vernon Street, entre a 18 e a 19 – completou ela. – Vou dizer ao Segundo Distrito para começarem sem você na garagem em Georgetown, mas tente estar lá assim que puder.

É como perguntar às nuvens quando vai chover. Eu não tinha ideia de quanto tempo ia levar nessa nova cena. Nunca se sabe até chegar lá.

E desta vez seria um pesadelo.

## capítulo 3

**A**VERNON STREET É O ÚNICO quarteirão com árvores da Rua U. É uma área residencial tranquila, mas dava para ver uma multidão de pessoas na calçada assim que virei a esquina da Rua 18. A maioria olhava para cima e apontava para o edifício de tijolos com mansardas na parte sul da rua.

Assim que saí do carro, vi a garota. Foi como levar um soco nas costelas. Ela pairava suspensa pelo pescoço cerca de um metro abaixo de uma das janelas do sexto andar. O rosto estava sem cor e as mãos pareciam ter sido amarradas nas costas.

Meu Deus!

Havia duas viaturas e uma ambulância estacionadas na frente do edifício, mas a única pessoa da equipe que encontrei ali foi um guarda. A calçada estava repleta de curiosos que tiravam fotos da vítima com seus celulares. Fiquei muito irritado e impressionado ao mesmo tempo.

– Mande cercar esta rua agora! – gritei a caminho do edifício. – Não quero ver ninguém nesta calçada quando estiver lá em cima, *entendeu?*

Eu sabia que o guarda estava tentando fazer seu trabalho e não tinha culpa, mas não tinha como não me sentir angustiado com a situação. A garota tinha família. Não precisavam da foto dela em alguma porcaria de página do Facebook, para ser vista pelo mundo inteiro.

Subi as escadas em vez de usar o elevador. Parecia o melhor caminho para se analisar, considerando que aquilo poderia ter sido a obra de um assassino. E só se tem apenas uma chance de ver a cena do crime.

Quando cheguei ao sexto andar, outro policial e dois paramédicos estavam parados do lado de fora da porta aberta do apartamento. O edifício tinha três unidades neste andar, todas de frente para a rua. Nossa vítima aparentemente morava no apartamento central.

– A porta estava trancada quando chegamos – disse o policial. – Nós arrombamos, mas não mexemos em nada lá dentro.

O apartamento era um pequeno estúdio em L. Havia um armário de cozinha de um lado, a porta aberta do banheiro do outro e um grande futon, que devia ser usado como cama. Até onde dava para ver, não havia sinais de luta. Na verdade, a única coisa que parecia fora do lugar era um

cabideiro antiquado, apoiado contra a janela aberta, com uma volta de corda pendendo do centro.

Fiz um esforço para entrar lentamente no cômodo, procurando marcas de algo sendo arrastado ou qualquer coisa que pudesse ter sido deixada para trás. Quando cheguei à janela e abaixei os olhos, pude ver o alto da cabeça da garota, um pouco fora do alcance. A corda ao redor dos pulsos parecia ser uma parte da mesma corda usada no enforcamento.

Isso não descartava suicídio. Muitas pessoas se amarravam pouco antes de cometer o ato, para evitar tentar se libertar no calor do momento. Lá embaixo, outra viatura chegara. A calçada já estava livre dos curiosos, mas eu tinha outro problema. No edifício residencial à frente, pude notar uma dezena de pessoas nas janelas com mais câmeras. Contive a vontade de mostrar o dedo do meio para eles.

Ainda assim, não ia deixar aquilo continuar.

– Ei! Pode me ajudar aqui? – gritei na direção do corredor.

Em qualquer cena de crime, o corpo da vítima pertence ao médico-legista, mas eu não estava pensando em detalhes técnicos. Pensava apenas na garota e em sua família.

Eu já havia tirado um monte de fotos do lugar com o meu celular. Fotografei o cabideiro, a moldura da janela, a corda e a garota. Eu tinha que preservar todos os detalhes possíveis, antes de fazer o que estava prestes a fazer.

– Senhor? – falou um policial atrás de mim.

– Me ajude a puxar – disse.

– Hã... o senhor não quer esperar o legista?

– Não, não quero – respondi, apontando para o público que tínhamos do outro lado da rua. – Não mais. Agora me dê uma mãozinha ou me traga alguém que possa ajudar.

## capítulo 4

**DEITAMOS A GAROTA COM O** máximo de cuidado. Tudo que eu precisava era que o corpo ficasse longe do olhar do público. E poderia deixar o resto para a investigação.

Seu nome era Elizabeth Reilly, de acordo com a carteira de motorista que encontrei em sua bolsa. Ela estava a apenas duas semanas de completar

21 anos. O apartamento tinha todos os sinais de alguém que morava sozinho, do macarrão instantâneo na geladeira à toalha única pendurada com cuidado no banheiro.

Obviamente havia mais nessa história, mas eu ainda não estava vendo.

Quando o legista chegou, fiquei satisfeito ao descobrir que era Joan Bradbury. Joan era uma texana tranquila de 60 e poucos anos que nunca deixava de usar as suas costumeiras botas de caubói, mesmo depois de vinte anos morando na cidade. Embora fosse teimosa, era fácil trabalhar com Joan. Além disso, ela não me deu nenhum grande sermão quando viu o que eu tinha feito com o corpo. Joan tem quatro filhas; acho que entendeu instintivamente.

Enquanto começava o exame inicial, ordenei à equipe de investigadores que batesse às portas e fizesse os interrogatórios. O enforcamento aconteceria em plena luz do dia. Alguém devia ter visto alguma coisa.

Obtive também informações da sargento Huizenga sobre a vítima. Elizabeth tinha sido estudante de enfermagem do Radians College, na Vermont Avenue, até o último mês de dezembro, quando abandonara o curso. Não havia notícias do seu último emprego e, a não ser por um tíquete de estacionamento que não fora pago, sua ficha criminal era inexistente.

Quando voltei para falar com Joan, já estavam se preparando para embalar o corpo a fim de levá-lo ao necrotério.

– Vou precisar de uma autópsia completa – disse ela –, mas acho que a garota já estava morta antes de ser pendurada. Talvez tenha sido estrangulada com a mesma corda.

Ela apontou para algumas marcas escuras e arroxeadas na base do pescoço de Elizabeth.

– Está vendo as contusões? Todas são consistentes com estrangulamento manual. Além disso, há leves hematomas aqui em cima, onde a corda apertou... Se tivesse algum fluxo sanguíneo quando ela foi enforcada, as marcas seriam mais escuras.

– Era isso que eu temia – observei.

– E tem mais, Alex.

Normalmente Joan era muito objetiva, mesmo nas cenas mais terríveis, mas havia uma tensão em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. Isso a estava afetando.

– Pelo abdômen e pelas estrias no ventre e nos seios, a vítima deu à luz recentemente. E, Deus me perdoe, foi mais recente do que você imagina.

## capítulo 5

**JÁ ERA TARDE DA NOITE** quando finalmente cheguei à garagem em Georgetown. O local estava bem preservado, mas o corpo de Darcy Vickers já havia sido retirado. Eu teria que coletar o que eu podia por enquanto e preencher algumas lacunas analisando as fotografias da cena do crime mais tarde.

O BMW 550i prata da Sra. Vickers estava estacionado no terceiro andar, onde ela fora encontrada. Um dos detetives do Segundo Distrito, Will Freemont, me acompanhou até o local. Seria uma boa ideia explicar para ele por que eu havia chegado tão tarde, mas essa era a menor das minhas preocupações no momento. Meus pensamentos ainda eram consumidos pelo caso de Elizabeth Reilly.

– Eles a encontraram aqui – disse Freemont, apontando para o porta-malas aberto. – Ferimentos a faca aqui, aqui e aqui. – Ele apontou com dois dedos para o próprio peito, o abdômen e a coxa. – Não foi bonito, mas pode apostar que foi rápido. Por diversão, ele também cortou o cabelo dela.

Deixados para trás estavam um tapete de ioga, algumas sacolas de compras e uma sacola com roupas, tudo coberto com uma mistura de sangue seco e uma massa de cabelos louros.

– Ele teve que agir rápido – observei. – É um local bastante arriscado para um assassinato.

– Ele? – perguntou Freemont.

– Estou chutando – respondi. – O que nós sabemos sobre Darcy Vickers?

O detetive folheou um pequeno caderno, do mesmo tipo que eu levava.

– Quarenta e dois anos. Divorciada, sem filhos. Trabalha para a Kimball-Ellis na Rua K, prestando serviços para algumas grandes companhias de cigarros. Supostamente tinha uma reputação implacável.

Em outras palavras, Darcy tinha muitos inimigos. A maior parte dos lobistas tem, mas não terminam esfaqueados no porta-malas de um carro. Quem faria isso? E por quê?

Além do mais, haveria alguma ligação com o caso de Elizabeth Reilly?

Nada óbvio fora roubado. A carteira, o dinheiro, o celular e as joias ainda estavam lá. Isso me levava a acreditar que a própria morte era o motivo,

fosse para satisfazer um impulso doentio ou apenas para se livrar da mulher. Talvez as duas coisas.

Quanto a isso, os dois casos eram parecidos. Mas o *modus operandi* era completamente diferente.

Supondo que Elizabeth Reilly não cometera suicídio, o assassino queria que o corpo fosse exibido e tivera um bom trabalho para conseguir isso. Com Darcy Vickers, tudo estava relacionado ao ato em si: as facadas e a questão do cabelo cortado. Não era para um público.

Meu instinto me dizia que eram dois casos diferentes, mas ainda tínhamos muito trabalho pela frente. Não sei... Talvez as duas mulheres tivessem algo em comum.

– Testemunhas? – perguntei a Freemont.

– Não, mas as câmeras de segurança registraram uma coisa interessante.

Ele desdobrou alguns papéis do bolso e me mostrou uma série de capturas de tela em preto e branco.

– Isso é de 21h04 da noite passada. Temos aqui a Sra. Vickers vindo pela entrada leste do beco. Bem atrás dela, temos esse cara.

A imagem mostrava um homem branco de meia-idade. A qualidade das fotos não era boa, mas dava para ver alguns poucos detalhes. Ele era careca, com óculos de aros escuros e vestia um casaco com rasgos nos ombros.

– Às 21h09, temos o mesmo cara saindo por um caminho diferente, na direção da Rua M – prosseguiu o detetive. – O que ele fez aqui nesses cinco minutos é o que queremos saber.

– E as câmeras deste andar? – perguntei.

– Bem ali. Alguém as destruiu às oito e quinze da noite. Jogaram uma pedra ou coisa assim.

Parei para pensar sobre aquilo.

– Se o senhor da foto tem alguma coisa a ver com isso, por que simplesmente destruir uma câmera? Por que não fez o mesmo com as outras duas?

– Boa pergunta – disse ele. – Temos um alerta para o suspeito neste instante. Se conseguirmos pegá-lo, teremos a resposta.

*Talvez*, pensei. Mas algo me dizia que não ia ser tão fácil.

## capítulo 6

**VOLTEI PARA CASA EM TORNO** de cinco da manhã, torcendo para conseguir dormir por algumas horas.

Provavelmente foi isso que aconteceu, mas eu quase não me lembro de estar na cama ao lado da minha mulher, Bree. Só consigo me lembrar da luz entrando pelas janelas e de nós dois sendo atacados por um pequeno bando de arruaceiros.

– Acordem, acordem, acordem! É um grande dia!

Quando percebi, o caçula já se enfiara entre nós. Minha filha, Jannie, estava de pé na extremidade, vestida e pronta para sair.

– São sete e meia, pai – disse ela. – A gente precisa estar lá às nove!

– Ai... está bem – disse.

– Você não se esqueceu, não é?

– Não – respondi. – Claro que não. Já vamos descer.

Claro. Eu tinha me esquecido. Planejara me encontrar com o legista assim que acordasse, para fazermos a reunião da manhã, e então acompanhar a autópsia de Elizabeth Reilly.

Mas as crianças tinham razão. Hoje era um *grande* dia.

Era o dia do sorteio no Marian Anderson, o melhor colégio público do sudeste e um dos melhores da cidade. Jannie e Ava estavam inscritas, junto de outros 420 alunos do oitavo ano, esperando obter uma das 105 vagas disponíveis. Pela lei, as escolas tinham de realizar um sorteio quando a oferta superava a demanda, o que sempre acontece, e estávamos torcendo para que as duas conseguissem entrar.

– Você sabe que não precisa ir até lá. Eu vou – disse Bree, esfregando as minhas costas. – Vi o noticiário da noite passada. Sei que você está cheio de trabalho. Nana e eu podemos fazer isso.

– Não – respondi. – Eu vou. A família vem em primeiro lugar.

Nos últimos meses, eu tinha perdido a véspera de Natal, o teatro de Ali, as quartas de final de Damon e a maioria dos domingos na igreja. Não ia aumentar a lista. Eu chamaria alguém para me cobrir com o legista até chegar lá.

No andar de baixo, Nana Mama já estava com a frigideira em punho e todas as crianças tinham pilhas de panquecas à frente. A casa estava cheia

agora, com Damon passando as férias de primavera com a gente e Ava aumentando o total de habitantes para sete.

– Bom dia, crianças – disse Nana, referindo-se, claro, a mim e a Bree. Ela é a indiscutível matriarca da nossa família e a cozinha é a sua sala do trono.

– Panquecas com ou sem geleia de mirtilo?

Fui direto para o café.

– O que você está aprontando? Não acabou de chegar? – resmungou Nana para mim do fogão.

Respondi com um resmungo alguma coisa sobre o *grande dia*. Não estava pensando muito. Só queria a minha dose diária de cafeína.

– Então quem está se sentindo com sorte hoje? – perguntou Bree da cabeceira da mesa.

Todos levantaram a mão, menos Ava. Ela continuou comendo, engolindo rápido como sempre fazia.

– E quanto a você, Ava? – perguntei. – Não está animada?

Ela encolheu os ombros e respondeu com a boca cheia de panquecas.

– Eu não vou conseguir.

– Não seja tão pessimista – disse Nana. – A atitude é tudo.

Para ser sincero, não era difícil entender o pessimismo dela. Ela caíra em nosso colo alguns meses depois que a mãe, uma viciada, teve uma overdose e a deixou sozinha nas ruas. Ainda tinha muitas questões a resolver.

Em poucas palavras, Ava estava acostumada a não esperar muita coisa da vida e, conseqüentemente, não querer muita coisa também. Mas de vez em quando eu conseguia ver um sorriso em seu rosto, quando ela baixava a guarda, e vislumbrava o potencial que está à sua espera se pudermos ajudá-la. A única coisa que faltava a ela era esperança. E nada bloqueia mais uma pessoa do que isso.

Era o nosso papel mudar essa situação.

Pouco a pouco, um dia feliz de cada vez.

## capítulo 7

**O**GINÁSIO DO MARIAN ANDERSON PARECIA uma feira. Havia balões voando por toda parte e os funcionários e professores, trajando camisetas nas cores verde e amarela, cumprimentavam as pessoas com grandes sorrisos.

No interior do ginásio, as arquibancadas foram retiradas e substituídas por fileiras de cadeiras. Havia quase mil pessoas no local, que parecia zumbir com a tensão dos presentes.

Nana não parecia muito confortável com a situação. Ela tentava aparentar otimismo por causa das garotas, mas havia exercido o cargo de professora durante 41 anos e tinha algumas opiniões bem particulares sobre aquele ritual.

Acho que a paralisia da reforma educacional em Washington a irritava mais que qualquer outra coisa na vida. Não era fácil constatar que três quartos das pessoas naquele ginásio – em particular, as famílias mais pobres – saíam decepcionadas dali.

Encontramos uma fileira de cadeiras na frente e nos sentamos. Jannie ficou em pé com os amigos, mas Ava apenas se sentou em silêncio.

Finalmente, depois das nove horas, o diretor da escola foi até o palco para dar as boas-vindas a todos. E então eles passaram direto para o sorteio, retirando cartões de uma caixa e chamando os nomes em voz alta, um por um.

– Monique Baxter... Leroy Esselman... Thomas Brown...

A cada novo sorteio, ouvia-se um gritinho, um berro ou pulos de comemoração em alguma parte do ginásio. Era mesmo como ganhar na loteria. Cada garoto que tinha o nome chamado ia até o palco e recebia dos professores um pacote de boas-vindas. Em seguida, era empurrado de volta à plateia em uma confusão de aplausos.

Conforme os nomes prosseguiam, muitas pessoas escreviam em pedaços de papel à sua frente ou faziam a contagem regressiva nos dedos. Jannie estava de um lado e Nana, do outro. A tensão das duas era evidente.

Em cerca de dez minutos, o sorteio já estava terminando. Nós chegamos aos números 82, 83, 84 e então...

– Janelle Cross!

Foi a nossa vez de gritar e nos abraçar, levados pela agitação da coisa toda. Não vou fingir que não fiquei animado. Era uma ótima oportunidade para Jannie. Mas, mesmo enquanto eu me dirigia ao palco com ela, não consegui deixar de olhar para trás e ver o que Ava estava fazendo.

Ela continuava simplesmente sentada, fitando o piso como se nada tivesse acontecido. Como se fosse feita de pedra. Bree tinha um braço ao seu redor e fez um gesto com a mão para que eu fosse na direção do palco. Era uma porção de sentimentos confusos para mim.

Talvez, só talvez, nós pudéssemos ver o raio cair duas vezes no mesmo lugar antes que tudo acabasse.

## capítulo 8

### NÃO TIVEMOS TANTA SORTE.

Na hora em que Jannie e eu demos a volta pelo local e retornamos aos assentos, o sorteio já acabara. A maioria das pessoas estava de pé agora, conversando e se preparando para sair. Ava ainda continuava na cadeira, arrastando os pés para frente e para trás. Ela parecia entorpecida.

Nana parecia aborrecida. Bree, arrasada.

– Lamento, Ava – disse, sentando-me ao seu lado. – Queria que tivesse sido diferente.

– Tanto faz – disse ela. – Eu sabia que não ia entrar.

Para mim, era frustrante quando o mundo se comportava como Ava imaginava. Ela queria e merecia aquilo, tanto quanto Jannie.

Jannie se aproximou e sentou-se do outro lado. Muitas famílias ao nosso redor estavam se abraçando e alguns garotos choravam. Tudo tinha acabado muito rápido.

– É uma pena – disse Jannie. – Lamento, Ava.

– Não, não lamente.

Ava virou-se para ela com uma careta repentina. Quando Jannie tentou pegar sua mão, Ava a afastou e se levantou.

– Vamos! É hora de ir. O sorteio acabou.

Então começou a andar à nossa frente, sem olhar para trás. Não havia nada a fazer no momento, além de acompanhá-la.

Nana pegou o meu braço ao sairmos. Ela tremia de raiva.

– É loucura – disse ela. – Por que, pelo amor de Deus, crianças deveriam participar de uma droga de sorteio para ter boa educação? E bem aqui, na capital! O que isso diz sobre o nosso país para o resto do mundo, Alex? O quê?

Eu sabia como ela se sentia. O problema era tão grande e intratável que era difícil saber com quem eu deveria ficar aborrecido. Com o secretário de educação? O sindicato dos professores? O prefeito? Deus?

– Queria ter respostas para você, Nana. Queria mesmo – respondi.

– Bem, vou dizer uma coisa – prosseguiu ela. – A Srta. Ava Williams não vai ser esquecida! A garota vai ter a educação que merece nem que eu mesma tenha que ensinar a ela.

Em outras palavras, Nana Mama ia providenciar tudo o que o secretário de educação, o sindicato, o prefeito e Deus não fossem capazes de cumprir.

E eu tinha fé de que ela faria isso.

## capítulo 9

**RON GUIDICE SE SENTOU NA** arquibancada do Maria Anderson, tomando notas enquanto o sorteio escolar era realizado. O local estava lotado. Não havia muitos homens brancos, mas eram suficientes para ele não chamar a atenção.

Emma Lee brincava em silêncio a seus pés durante todo o tempo, despiando e voltando a vestir a boneca sem erguer os olhos. A filha tinha muita concentração e paciência, sem dúvida.

*Talvez tenha puxado essa parte de mim,* pensou.

Enquanto isso, Ron ficava sentado e observava a família de Cross. Curiosamente, ele ficou contente ao ouvir o nome de Jannie ser chamado pelo sistema público de alto-falante. E, depois, lamentou quando ficou claro que Ava não havia conseguido.

Pobre Ava. A garota não podia ganhar algo uma vez na vida?

A menos que entrar para a família Cross fosse um presente. No papel, eram “gente boa”. Guidice estava começando a gostar deles um pouco mais do que deveria. Da avó e das crianças, pelo menos. Acontecia o tempo todo. Ele não conseguia deixar de se envolver com quem vigiava.

Será que eles iam ficar arrasados quando Alex morresse? Claro que ficariam. Essa era a parte que não se podia evitar. O mundo estava cheio de vítimas inocentes.

Um dia, ele também foi uma dessas vítimas. Por causa de Alex.

Mas nada disso importava agora. Não se ele mantivesse um olho no quadro mais amplo. Sempre no quadro mais amplo.

Era nele que Alex Cross se encontrava. O futuro falecido Alex Cross.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)